

MULHER CONSERVADORA BRASILEIRA: O CIBERESPAÇO COMO O PALCO DAS MULHERES COM BOLSONARO¹

Victoria Vicente Rodrigues Lopes²

Nilton Abranches Júnior³

RESUMO

O ciberespaço, entendido por nós como uma dimensão da realidade concreta, é inaugurado a partir do desenvolvimento técnico-científico-informacional observado a partir das últimas décadas do século XX. Este trabalho tem em vista construir uma discussão teórica a luz da Geografia sobre o ciberespaço, uma vez que o consideramos como um local privilegiado para favorecer e desenvolver a manifestação de ideias e crenças. Desta maneira, enxergamos este espaço nas redes como um espaço potencial para a disseminação de discursos fundamentalista religioso e de atuação politizada de mulheres conservadoras. Tendo em vista isto, apresentaremos neste trabalho o movimento “Mulheres com Bolsonaro – MCB”, que surge como grupo na plataforma do Facebook no ano de 2018, atuando em oposição ao grupo “Mulheres Unidas contra Bolsonaro – MUCB” que teve bastante visibilidade através da viralização da hashtag #EleNão nas redes sociais. Em contrapartida, o MCB revisita a discussão da existência de mulheres que compactuam e apoiam pautas conservadoras, principalmente em defesa da família dita tradicional e em relação a um discurso de desmoralização da mulher consequente do feminismo. Desta maneira, teremos em vista analisar as publicações do grupo “Mulheres com Bolsonaro” nas redes sociais, a fim de compreender como essas mulheres atuam no ciberespaço, suas principais pautas de discussões e preocupações.

Palavras-chave: Ciberespaço, Fundamentalismo Religioso, Conservadorismo, Gênero.

1 Pesquisa de Doutorado em andamento financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior - CAPES

2 Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, lopesvvr@gmail.com;

3 Professor orientador: Doutor em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, niltonabranches07@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Com o advento da Modernidade, significativas mudanças globais podem ser observadas a partir das últimas décadas do século XX. É nesse contexto que surgiram as bases materiais e imateriais daquilo que o Filósofo francês Gilles Lipovetsky denomina de Hipermodernidade. A Hipermodernidade é considerada como a fase mais avançada da modernidade. Nela, as características da Modernidade são intensificadas e aceleradas, caracterizando-se por: busca e valorização pelo/do novo e diferente; consumismo acentuado; valorização do tempo presente; intensificação da individualização e da satisfação dos desejos individuais e, sentimento de urgência/tempo acelerado associado a mudanças tecnológicas e comunicação instantânea mediante uma rede global de internet (Lipovetsky, 2004).

A globalização neoliberal e a revolução informática dos anos 1980 e, especialmente, dos anos 1990 desempenharam um papel fundamental na ampliação da lógica de absolutização do presente imediato por meio da compressão espaço-tempo. Resultando em uma percepção simultânea e imediata na troca de informações, bem como em um rápido crescimento do mercado e do capitalismo financeiro ao nível mundial (Lipovetsky, 2004). Desta maneira, as sociedades, vivenciando as modificações propiciadas pelos avanços tecnológicos e científicos, resignificaram e resignificam as noções de tempo e espaço. Os obstáculos espaciais, que anteriormente seriam de difícil transposição, hoje podem ser instantaneamente ultrapassados por meio das redes de comunicação e pela internet a qualquer hora do dia e a qualquer distância.

Manuel Castells (2002), em *A Sociedade em Rede*, explica que a expansão das tecnologias de informação, especialmente de 1970 a 1990, destaca-se como um traço marcante de uma revolução tecnológica que se incorpora ao seu próprio avanço, visando a interconexão global. A evolução dos equipamentos eletrônicos, juntamente com o progresso das tecnologias de telecomunicação, como a tecnologia de “nós” e as tecnologias de transmissão, culminou na invenção da Internet. Esse novo sistema de comunicação, universalmente interligado por redes interativas de computadores, teria a capacidade de gerar uma série de comunidades virtuais, considerando que os usuários da internet agrupam-se tendo em vista interesses e valores em comum. Desta maneira, o mundo virtual não se faz sem o mundo real, uma vez que sujeitos tendem a se agrupar por afinidades, ideologias, pensamentos, tribos, seja no mundo real ou nas redes sociais virtuais.

Este trabalho tem em vista construir uma discussão teórica a luz da Geografia sobre o ciberespaço, uma vez que o consideramos como um local privilegiado

para favorecer e desenvolver a manifestação de ideias e crenças. Entendendo este espaço nas redes como um espaço potencial para a disseminação de discursos fundamentalistas religiosos, até mesmo aqueles que são aparentemente contraditórios ou conflitantes entre si. Isso é evidenciado pelo movimento “Mulheres com Bolsonaro”, onde, apesar das declarações fundamentalistas de Bolsonaro, inclusive em relação às mulheres, ele foi eleito presidente no segundo turno, com o apoio significativo de mulheres conservadoras.

Desta maneira, este trabalho está organizado em duas partes: 1 – Ciberespaço e as plataformas de redes sociais e, 2 – Mulheres com Bolsonaro e sua atuação politizada no Facebook. Na primeira parte, visamos construir uma discussão do conceito de ciberespaço, para isto realizamos uma revisão bibliográfica de autores importantes que discutem a temática como o Filósofo Pierre Levy (1999) que trabalha o ciberespaço e cibercultura; o geógrafo Guilherme Silva (2013a) que trabalha o ciberespaço como uma categoria geográfica e, o Sociólogo Luiz Valério Trindade (2022) que trata sobre o potencial das redes sociais em disseminar discurso de ódio. A segunda parte trataremos apresentar brevemente o movimento Mulheres Com Bolsonaro e como elas atuam no ciberespaço, para isto foi necessário construir um perfil falso a fim de conseguir acesso ao grupo privado. Após a construção do perfil, fizemos uma análise das regras de funcionamento do grupo e das principais pautas de debates das mulheres bolsonaristas.

1. O CIBERESPAÇO E AS PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS

O termo ciberespaço é lançado por William Gibson (1984) a partir de sua obra de ficção científica *Neuromancer*, considerada como uma importante obra o desenvolvimento de uma cultura Cyberpunk e cibernética na literatura e na sociedade. Nesta obra, o ciberespaço de Gibson é um espaço distinto do mundo real, sendo descrito como um retrato, isto é, uma paisagem virtual da sociedade, no qual a informação emana por meio de uma consciência coletiva. Nele, o controle e o acesso à informação são competidos pelas grandes empresas e corporações e as leis da física que regem o mundo real não funciona no ciberespaço, sendo possível manipular códigos e informações por meio da mente humana, criar e destruir identidades virtuais.

O ciberespaço, conforme o Filósofo Francês Pierre Lévy (1999), teve a sua origem a partir da interconexão da rede global de computadores e representou um novo meio de comunicação que permite relações que independem do tempo e de um espaço concreto. Define ciberespaço como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e da memória dos computadores”

(Lévy, 1999, p.92), composto por uma infraestrutura material, ele abrange também os usuários das redes, as informações e dados por estes compartilhados. Segundo o autor, as características técnicas do ciberespaço possibilitam que os integrantes de um grupo se organizem, colaborem, contribuam e acessem uma memória compartilhada, quase em tempo real, independentemente da localização geográfica e das diferenças de fuso horário.

Sob a perspectiva da Geografia, adotamos a definição de ciberespaço de Guilherme Silva (2013a), que o considera como uma dimensão da complexa realidade construída pela sociedade em sua interação com a natureza, no qual diversos territórios são estabelecidos, com cada grupo ou indivíduo buscando expandir continuamente suas áreas de influência. “Essa geografia é dinâmica, feita de fluxos informacionais que permitem a fluidez entre os nós da rede, transmitindo informações, valores (monetários ou morais), culturas, ideias, ideologias” (Silva, 2013a, p.15).

Silva (2013a) formula sua concepção de ciberespaço baseando-se nas formulações do Geógrafo Milton Santos (2002) entendendo que as técnicas representam um conjunto de ferramentas instrumentais e sociais que o ser humano utiliza para conduzir sua vida, produzir e simultaneamente criar espaço, isto é, isto é, “estudar o ciberespaço é estudar a questão das técnicas, enquanto elemento cultural de intervenção no espaço e ponte entre o humano e o natural” (Silva, 2013a, p.46). Desta maneira, torna-se necessário entender que o ciberespaço constitui uma dimensão da realidade, “ele não inaugura uma nova realidade, ele amplia o espaço da realidade que é única, potencializando o humano que o constitui” (Silva, 2013a, p.47).

A circulação da informação digital tem hoje um alcance gigantesco com a disseminação de plataformas de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *X (antigo Twitter)*, *Telegram* e *WhatsApp*. A popularização do acesso *Internet* a partir dos anos 1990, se intensificando nas décadas posteriores dos anos 2000 com o desenvolvimento de aparelhos *smarts* e a possibilidade da conexão na palma da mão, permitiu a criação de espaços virtuais e de recursos infinitos para a divulgação e produção de notícias, textos e conteúdos multimídias diversificados.

Luiz Valério Trindade (2022) em *Discurso de ódio nas redes sociais*, aponta para a capacidade poderosa das redes sociais virtuais atuarem como um instrumento que propaga ideologias, “Essa tecnologia digital lhes proporcionou a capacidade não apenas de construir discurso de ódio, mas também de disseminá-los para um público muito amplo e de forma instantânea” (Trindade, 2022, p. 77). As redes sociais, portanto, exacerbam e tornam mais complexas várias questões sociais.

Isso é ilustrado pela rivalidade política e a agitação nas redes sociais durante a campanha presidencial no Brasil em 2018.

Sob uma imagem de um governo guiado pelos valores cristãos, que pode ser percebido no slogan do próprio governo “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e, em defesa da família tradicional, o governo Bolsonaro salvaria o Brasil da corrupção petista e dos males do comunismo, tendo como marca também, a desestabilização e oposição aos movimentos sociais através da propagação de desinformação nas redes sociais. Trindade (2022) sugere que tanto a sociedade quanto o sistema jurídico brasileiro não estavam prontos para enfrentar as consequências do vasto fluxo de desinformação propagado através das plataformas de comunicação online. Embora a rivalidade política entre a direita e a esquerda não seja um fenômeno recente, ela ganha uma dimensão maior nas redes sociais. Isso ocorre porque a informação, mesmo quando filtrada e controlada, circula em um volume muito maior do que em qualquer outra época da história. Assim, a explosão de uma guerra virtual entre grupos com ideologias opostas resultou na ruptura de laços familiares e amizades, não apenas virtualmente, mas também no mundo real.

Segundo Lima (2017), a religião se adapta às novas formas sociais e culturais, podendo usar diversas mídias para facilitar o contato com o sagrado. Assim, em vez de perder relevância com os avanços sociais da Modernidade, a religião e suas tradições se adaptam às condições da Hipermodernidade. Ao abraçar as oportunidades oferecidas pelas redes sociais, a religião passa a exercer domínio e controle sobre os fiéis no ambiente virtual. O ciberespaço, de acordo com Silveira (2014), tem se desenvolvido de maneira crescente e complexa, tornando-se um ambiente onde as religiões e os fenômenos religiosos manifestam afiliações, crenças religiosas e políticas. Trataremos a seguir como este fenômeno se manifesta no ambiente virtual do Facebook, a partir do Grupo “Mulheres Com Bolsonaro (Oficial)”.

2. MULHERES COM BOLSONARO E SUA ATUAÇÃO POLITIZADA NO FACEBOOK

Em 2018, o movimento “Mulheres com Bolsonaro” (MCB) surgiu como uma resposta ao movimento “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” (MUCB), que ficou conhecido pela frase “Ele não”. O grupo do MUCB no Facebook foi criado em 11 de setembro de 2018 e, em menos de uma semana, já contava com 2 milhões de membros. No entanto, no terceiro dia, o grupo foi alvo de um ataque cibernético que mudou o nome do grupo para “Mulheres Unidas com Bolsonaro”, resultando

em ameaças às administradoras do grupo e na exposição de seus dados pessoais (Evangelista, 2020).

O MCB congrega apoiadoras do governo e da figura de Jair Messias Bolsonaro. Este movimento tem vários grupos no Facebook com o mesmo nome, sendo o “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)” o mais proeminente, com mais de 1 milhão de mulheres. Existem também perfis no Instagram que apoiam a causa, bem como hashtags, perfis, grupos e canais no Twitter, WhatsApp e Telegram. As postagens e posições das apoiadoras do governo podem ser acessadas ao se juntar a comunidades privadas nas redes sociais, seguindo páginas de conteúdo ou pesquisando a hashtag #MulheresComBolsonaro. O grupo bolsonarista no Facebook é privado, permitindo apenas a entrada de mulheres que estejam alinhadas com o projeto e as pautas do governo.

Considerando isso, foi necessário criar um perfil falso para acessar o espaço virtual de discussão desse movimento. O MCB é visto como um movimento que apoia causas contraditórias ao seu gênero, pois é composto por mulheres que apoiam ideias que limitam seus próprios direitos, se identificando e levantando bandeiras antifeministas. No entanto, também entendemos que as pautas antifeministas são permeadas e fundamentadas pelo discurso fundamentalista religioso que atua suavizando o corpo feminino e atribuindo-lhes papéis de gênero que foram histórica e culturalmente enraizados pelo patriarcado.

Em nossa investigação nas redes sociais das administradoras e moderadoras do grupo MCB, constatamos que a maioria são mulheres brancas, de aproximadamente 38 anos, evangélicas, mães e residentes em grandes metrópoles brasileiras, com uma presença marcante na região sudeste. Essas mulheres demonstram um alto nível de engajamento tanto no grupo quanto em seus perfis pessoais, além de participarem ativamente de eventos e mobilizações nas ruas. Elas veiculam discursos de ódio contra minorias em suas redes, o que levou à remoção de postagens e bloqueios pela plataforma. Além disso, elas propagam discursos antidemocráticos e expressam uma nostalgia pela ditadura militar.

O Grupo ainda possui regras para o seu funcionamento, essas regras destacam a formação do grupo MCB como um ciberespaço definido pelo poder das administradoras e moderadoras que determinam quem pode entrar no grupo (apenas aquelas que se encaixam no perfil de mulher conservadora cristã), as publicações que serão postadas (que devem primeiro passar pela avaliação das moderadoras de conteúdo) e o tipo dessas postagens (que devem gerar

engajamento e interesse das membros). Elas controlam a maneira de interagir no grupo, deixando claro que não é um espaço para discussão de ideias, mas apenas um espaço de apoio e divulgação, não um espaço crítico da universidade.

As questões centrais do grupo estão ligadas ao antifeminismo e à luta contra as “ideologias de gênero”. Segundo as Bolsonaristas, o feminismo contribui para a distorção da imagem da mulher, pois o esforço das feministas em busca da libertação sexual e de seus corpos tem prejudicado moralmente a imagem da mulher, levando a um plano de destruição da família, negligenciando a vida ao apoiar a descriminalização do aborto e se libertando do papel sagrado de esposa e mãe. Assim, a busca por direitos das mulheres e a luta contra o patriarcado foram transformados em sinônimos de ódio aos homens e à família, alimentando o debate antifeminista e a aversão à palavra feminismo.

De acordo com Eliane Silva (2006), os fundamentalistas acreditam que o dever das mulheres cristãs é combater esses males, além de trazer seus maridos de volta ao centro dos eventos e proteger os filhos, a família e a sociedade. Para isso, a família e a reafirmação dos papéis tradicionais de gênero adquirem um status de espiritualidade, fé e ativismo. Concordando com a visão fundamentalista, essas mulheres conservadoras aceitam o papel que lhes é atribuído dentro desse sistema religioso e perpetuam os princípios do patriarcado, que Joseli Silva (2009) define como um sistema de relações hierárquicas, onde a supremacia masculina prevalece sobre a feminina em vários aspectos da vida social.

Aguiar e Pereira (2019) analisaram declarações polêmicas nos primeiros nove meses do Governo Bolsonaro, percebendo que existia um reforço de uma ideologia patriarcal que fomentava práticas e discursos políticos para limitar a compreensão da sociedade em relação ao gênero. Desta maneira, “o antifeminismo é característica do governo Bolsonaro, e a busca pela retomada de pautas tradicionais e pró-família, se dão por meio da institucionalização de uma narrativa que nega os movimentos emancipadores da epistemologia e do ativismo feminista (Ibidem, 2019, p.30). Os autores ainda concluem que esses discursos criam uma hierarquia entre mulheres, determinado que alguns merecem ter acesso a direitos e outros não.

Da mesma forma que o feminismo, as mulheres bolsonaristas acreditam que a “ideologia de gênero” é uma força colaboradora no projeto de dismantelar a família. O discurso cristão e bolsonarista sobre a “ideologia de gênero” é entendido como uma crítica à separação do sexo biológico da noção de gênero, rejeitando a ideia de que o indivíduo constrói sua identidade de gênero social e culturalmente. Com base em um discurso bíblico, as bolsonaristas veem como uma abominação o que foi estabelecido por Deus em Gênesis 1:27 “Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Assim, a ideia de gênero como uma construção social questiona e aponta falhas nas obras de Deus e lidera um projeto de desmoralização no Brasil, liderado pelos comunistas petistas. Elas

fazem referência bíblica de que querem transformar o Brasil em uma Sodoma e Gomorra, cidades destruídas por Deus com fogo e enxofre do céu, devido à depravação de seus habitantes e à maneira como violaram a Lei de Deus, presentes nos textos bíblicos de Judas 1:7 e Romanos 1:27.

Segundo Cunha (2020), os grupos conservadores se baseiam na Bíblia para defender suas posições, mostrando-se contrários às teorias científicas e defendendo uma moral bíblica que só aceita a família tradicional e a submissão da mulher ao homem. Eles consideram o discurso religioso como a própria palavra de Deus, que não pode ser mudada. Isso pode ser visto na passagem bíblica de Mateus 24:35: “Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão”. Assim, eles entendem que as palavras e mandamentos de Deus são eternos e imutáveis. Gustavo Silva (2013b) afirma que essa visão cristalizada do discurso atribui valores e significados aos seus seguidores, que incorporam esses valores e significados em suas atitudes no cotidiano. Além disso, o autor argumenta que a base religiosa que emerge desses discursos também abre espaço para a produção e reprodução da violência de gênero, dando ao homem a legitimação para dominar a mulher. De acordo com Cunha (2020), isso também inclui a censura e estigmatização de todas as expressões e identidades LGBTQIAPN+ que não se enquadram no padrão de homem e mulher.

O grupo conhecido como “Mulheres com Bolsonaro (OFICIAL)” mudou recentemente seu nome para “Receitas de Bolo Brasil Original”. Essa mudança foi feita visando ocultar a tendência antidemocrática evidente em muitas de suas postagens. Atualmente, o grupo está arquivado no Facebook, o que significa que não é possível adicionar novos membros ou fazer novas publicações. No entanto, todas as postagens anteriores permanecem disponíveis no espaço virtual. As administradoras do grupo tomaram essa decisão em 08 janeiro 2023, temendo retaliações e investigações policiais decorrentes de atos terroristas e golpistas realizados por apoiadores de Bolsonaro contra os edifícios do Governo Federal em Brasília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na trajetória teórica estabelecida neste estudo, podemos concluir que o ciberespaço se torna um ambiente propício para o florescimento e desenvolvimento de ideias e crenças, além de permitir a participação política de mulheres conservadoras. Em nossa perspectiva, o grupo MCB espelha o ambiente real habitado por essas mulheres, ou seja, espaços conservadores onde o debate e o questionamento de suas regras e normas de funcionamento, especialmente aquelas impostas às mulheres, não são permitidos. As mulheres têm sido silenciadas

há muito tempo, internalizando a ideia de que não podem expressar suas insatisfações, e devem sempre ser submissas, educadas e gentis. Mesmo em um grupo, que deveria promover o debate e a diversidade de pontos de vista, não é permitido criticar, somente obedecer.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Bruna Soares de; PEREIRA, Matheus Ribeiro. O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. **Agenda Política**: Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 8-35, 2019. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/271>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 1 v.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise na democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul**: fundamentalismos, crise na democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul. Salvador: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2020. p. Disponível em: <https://kn.org.br/noticias/fundamentalismo-crise-na-democracia-e-ameaca-aos-direitos-humanos-na-america-do-sul-e-tema-de-pesquisa-publicada-por-koinonia/7837>. Acesso em: 29 set. 2022.

EVANGELISTA, Raquel Lobão. Mulheres Unidas Contra Bolsonaro: reflexões teóricas sobre a participação civil feminina na eleição presidencial de 2018. In: RIBEIRO, Alexandro Teixeira (org.). **Comunicação, Política e atores coletivos**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. p. 26-39. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-reflexoes-teoricas-sobre-a-participacao-civil-feminina-na-eleicao-presidencial-de-2018>. Acesso em: 11 mar. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

LIMA, Paulo Afonso de Dias. Religião e Mídias Sociais: (des)territorialização no ciberespaço. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 44-61, 2017. Semestral. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/46722>. Acesso em: 30 set. 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. 127 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 11-27.

SILVA, Guilherme Carvalho da. **O ciberespaço como categoria geográfica**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013a.

SILVA, Gustavo Vilella. A Violência de Gênero no Brasil e o Gemido das Mulheres Evangélicas. **Discernindo**: Revista Teológica Discente da Metodista, [s. l], v. 1, n. 1, p. 131-142, 31 dez. 2013b. <http://dx.doi.org/10.15603/2357-7649/discernindo.v1n1p131-142>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/discernindo/article/view/4773/4058>. Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora, 2009. 313 p.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. **Ciências da Religião**: História e Sociedade, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 20-42, 29 out. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7479>. Acesso em: 30 set. 2022.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022. 176 p. (Feminismos Plurais).